

AS AMBÍGUAS CIRCUNSTÂNCIAS DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO *A FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS*, DE WILLIAM SOMERSET MAUGHAM

Maria Inês CHAVES*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a representação feminina – mulher ocidental (esposa) e mulher nativa (concubina) – no conto A força das circunstâncias (The Force of Circumstance), de William Somerset Maugham, publicado em 1926. O conto trata da relação de um casal que vive na Malásia, colonizada pelo império britânico. As dificuldades iniciam-se quando a esposa descobre que o marido mantinha, antes do casamento, um relacionamento de concubinato com uma nativa, com a qual tem três filhos. Como a temática do conto apresenta características inerentes às complexas relações existentes entre colonizado e colonizador – impacto cultural, miscigenação, alteridade, nativo e tornar-se nativo – a análise é realizada a luz dos preceitos teóricos de Thomas Bonnici (2000), Edward Said (1996), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVES: estudos pós-coloniais; representação feminina; colonialismo; miscigenação; W. Somerset Maugham.

Abstract: This article aims at analyzing the female representation – western woman (wife) and native woman (concubine) in the short story The force of circumstance published in 1926 by William Somerset Maugham. It deals with the relationship between a couple who lives in Malaysia, which was colonized by British empire. The conflicts start when the wife finds out that her husband had a concubine before their marriage and has three children with her. As the short story plot presents characteristics that belong to the complex relations between the colonizer and colonized – cultural impact, miscegenation, alterity, native and going native – the analysis is carried out in the light of theories described by Thomas Bonnici (2000), Edward Said (1996), among others.

KEYWORDS: post-colonial studies; female representation; colonialism; miscegenation; W. Somerset Maugham.

1. Introdução

O colonialismo foi imposto aos inúmeros povos da África e da Ásia, por países europeus, com objetivos expansionistas e econômicos. Chludzinski (2009) explica que a colonização européia ocorreu em duas fases. A primeira iniciou-se no século XVI e foi impulsionada pelo desejo de expansão religiosa e pela necessidade das nações em conquistar novos territórios, sendo que Portugal e Espanha foram os países que mais se destacaram nessa fase. A segunda fase ocorreu após a Revolução Francesa, no século XVIII, e caracterizou-se

* Mestranda em Teoria Literária; Universidade Estadual de Ponta Grossa. michaves@yahoo.com

pela competição entre os países europeus pelo controle do maior número de povos, o que reavivou o espírito nacionalista dos países europeus. Nessa fase, França e Inglaterra foram as nações que obtiveram maior número de conquistas.

Thomas Bonnici (2009) entende que o termo colonialismo define “a opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro” (BONNICI, 2009, p. 262). Segundo ele, isso não é novidade na história mundial uma vez que já era praticada na antiguidade e na idade média. Afirma, no entanto, que a política colonial que passou a ser praticada na modernidade, além de garantir os bens materiais provenientes do país colonizado, contribuiu para devastar culturas, muitas vezes milenar, substituindo-as pela cultura eurocêntrica e cristã (BONNICI, 2005, p. 20).

Edward W. Said (1996), por sua vez, argumenta que o processo de colonização estava relacionado, primeiramente, com a identificação de interesses, que “podiam ser comerciais, comunicacionais, religiosos, militares, culturais” (SAID, 1996, p. 109). Esclarece, contudo, que a colonização de nações do oriente não foi uma idéia de última hora, mas algo cuidadosamente planejado durante um longo período, ao fim do qual “a Europa, ou consciência européia do Oriente, deixou de ser textual e contemplativa e passou a ser administrativa, econômica e até mesmo militar” (SAID, 1996, p. 217).

Em decorrência do colonialismo, o mundo passou por profundas transformações sociais e econômicas que impulsionaram vários setores, inclusive o da produção de obras literárias sobre o assunto. Said explica que durante o século XIX o oriente “foi um dos lugares favoritos para o qual os europeus viajavam, e sobre o qual escreviam”, o que contribuiu para um aumento considerável de livros, baseados em experiências pessoais, sobre a região. (SAID, 1996, p. 165)

Alice M. Nah (2006), outra teórica, postula que a literatura que tem a colonização como temática central, faz, com frequência, uso da luta entre o colonizador e o colonizado. Segundo ela, nessa literatura o colonizador é descrito como sendo aquele que se estabelece em terras estrangeiras e toma para si o controle da mesma e o nativo aquele que vive nessas terras e vê-se obrigado a enfrentar as transformações ocasionadas pela chegada do colonizador e suportar os efeitos materiais e psicológicos da situação que lhe é imposta.

Já Vanderlei Zacchi (2006) destaca que nessa literatura a trama central da obra literária prioriza a ação dos colonizadores, sendo que o nativo raramente aparece como

protagonista. Destaca, ainda, que a superioridade imperial é expressa “através de certos temas dominantes: a divisão racial e os perigos do contato transcultural; a proficiência tecnológica e administrativa dos europeus; a representação de outros povos e sua incompreensibilidade” (ZACCHI, 2006, p. 71).

Bonnici (2004), autor já citado anteriormente, argumenta que a literatura pós-colonial oferece uma percepção “sobre a vida daqueles cuja identidade e cultura foram transformadas pelo colonialismo”. Para ele a literatura pós-colonial narra à supressão da cultura e a eliminação da identidade dos povos colonizados. (BONNICI, 2004, p. 10-11).

William Somerset Maugham (1874-1965) é apontado por Kathrin Onyiaorah (2000) e Glenn Hooper (1997) como um dos autores que faz uso dessa temática em sua produção literária. Hooper destaca que o foco de muitas das histórias de Maugham é a tensão étnica e racial existente nas colônias, o que propicia ao leitor um retrato do que ocorreu durante a ocupação do império britânico. Ressalta, ainda, que a presença de questões imperiais é claramente perceptível em algumas de suas obras e em outras nem tanto. Constata, contudo, que a produção literária de Maugham utiliza o oriente para apresentar as conflituosas questões enfrentadas pelo colonizador – a chegada, as relações de lealdade e comando, o modo como indivíduos – homens e mulheres, de culturas completamente distintas, se relacionam em contexto de dominação e subordinação.

O conto *A força das circunstâncias*, publicado por Maugham em 1926 na obra *The Casuarina Three*, que reuniu seis contos – *The Force of Circumstances*, *Before the Party*, *P. & O.*, *The Outstation*, *The Yellow Streak* e *The Letter* – inspirados nas situações observadas nas colônias durante as visitas que ele realizou as possessões britânicas, configura-se como um exemplo dessa produção. (ONYIAORAH, 2000 e HOOPER, 1997)

O conto retrata a vida de um casal de ingleses – Doris e Guy. Doris trabalhava na Inglaterra como secretária de um membro do parlamento inglês quando conhece Guy durante o período de férias de ambos. Logo após, casam-se e mudam-se para a Malásia, colonizada pelo império britânico, onde Guy nasceu e para onde voltou, após o período escolar, para trabalhar. No novo lar, Doris enfrenta as complexas diferenças étnicas e culturais. Após nove meses na colônia, descobre que antes do casamento o marido vivia com uma nativa com a qual tem três filhos. Fica chocada com a descoberta, mas diz não sentir raiva do marido e lhe pede seis meses para pensar sobre a situação. Após esse período, diz ao marido que não o

culpa por nada, mas que sente-se incapaz de continuar a viver com ele. Assim, retorna a Inglaterra e Guy, no mesmo dia de sua partida, decide voltar a morar com a nativa e com seus filhos.

A ambientação do conto em questão ocorre durante a empreitada colonialista realizada pelo império britânico na Malásia, ocupada pelos europeus desde o século XVI – no período compreendido entre 1511 e 1641 pelos portugueses, que foram forçados a ceder o controle da região aos holandeses em 1641. A Inglaterra iniciou a sua ocupação em 1786, quando ocupou Penang. Em 1824, através de um tratado entre Inglaterra e a Holanda – *Anglo-Dutch Treaty of 1824*, a região foi dividida entre os dois países. Desse modo, a Inglaterra passou a ter total controle da região. (ONYIAORAH, 2000 e LAMBERT, 2010).

O contexto da colonização britânica na Malásia, as características inerentes à mesma – impacto cultural, miscigenação, alteridade, nativo e tornar-se nativo, bem como a supremacia europeia, representada pelas personagens Doris e Guy, e a subalternidade do nativo, representada pela personagem da mulher nativa, presentes no texto, permite a realização de uma análise, na perspectiva dos estudos pós-coloniais que, segundo Bonnici (2004), “versam sobre uma análise e uma estética que têm por objetivo compreender a realidade e as condições em que certos setores da humanidade se encontravam e se encontram excluídos pela hegemonia colonial”. (BONNICI, 2004, p. 9)

2. Uma breve retrospectiva sobre o colonialismo europeu

Durante o período de 1815 a 1914 o domínio colonial europeu estendeu-se por todo o mundo – todos os continentes foram afetados, sendo que a África e a Ásia em maiores proporções. O império britânico é reconhecido como sendo o que obteve maior sucesso em suas empreitadas colonialistas, sendo apontado como a grande potência colonizadora do século XIX. Em consonância com Said, por volta de 1880 o domínio imperial britânico era uma extensão ininterrupta do Mediterrâneo a Índia. (SAID, 1996, p. 177)

A presença dos europeus nos países do oriente, segundo Majed Hamed Aladaylah (2010), era considerada uma necessidade. Para ele, a relação entre oriente e ocidente era baseado em uma oposição binária onde o europeu era caracterizado como superior, civilizado, sofisticado, valente, racional e inteligente. Os nativos, por sua vez, eram caracterizados como

sanguinários, estúpidos, escravos de costumes irracionais e preguiçosos. Em seu entendimento, a idéia que os povos colonizados eram atrasados e primitivos foi incutida com a finalidade de justificar a presença européia e legitimar as medidas tomadas para controlar e transformar os sujeitos colonizados. Além disso, destaca ele, os nativos eram considerados incapazes de utilizar o ambiente em que viviam em benefício próprio, dessa forma cabia ao europeu fazer isso por eles.

Bonnici (2005) afirma que algumas nações tinham a convicção que deveriam civilizar povos em estágio inferior de desenvolvimento. Segundo ele, essas nações entendiam que tinham o dever de levar a ordem e a civilização para esses locais, o que, em seu entendimento, justificava a invasão, ocupação, eliminação e degradação das culturas dos povos dominados. Os europeus, especialmente os ingleses e os franceses, entendiam que tinham “responsabilidade moral de ocupar o Oriente para o bem geral da Europa, transmitindo à seus povos a civilização, especialmente o conceito da liberdade e da democracia” (BONNICI, 2005, p. 44).

Said (1996) por sua vez afirma que

Ser um Homem Branco era, portanto, uma idéia e uma realidade. Implicava uma posição ponderada em relação ao mundo branco e também ao não branco. Significava – nas colônias – falar de um certo modo, viver de acordo com um código de regulamentos e até mesmo sentir certas coisas e não outras. Significava juízos, avaliações e gestos específicos. Era uma forma de autoridade diante da qual se esperava que os não-brancos, e até mesmo os próprios brancos se curvassem. Nas formas institucionais que assumia (governos coloniais, corpos consulares, estabelecimentos comerciais) era uma agência para a expressão, difusão e implementação de políticas em relação ao mundo; nos marcos dessa agência, embora houvesse espaço para uma certa latitude pessoal, a idéia comunitária impessoal de se ser um Homem Branco imperava. Ser um homem Branco, em resumo, era um modo bem concreto de estar no mundo, uma maneira de controlar a realidade, a linguagem e o pensamento. (SAID, 1996, p. 233)

Além do mais, algumas nações, particularmente a britânica, tinha “o conhecimento seguro de que fazia parte de uma longa tradição de responsabilidade executiva com as raças de cor, e podia nutrir-se das reservas empíricas dessa tradição”. (SAID, 1996, p. 232).

Em suma, “a dominação colonial existiu para convencer os nativos de que a proposta colonial nada mais era do que banir a escuridão da inexistência da cultura na sua vida e esclarecê-los sobre a única cultura, a européia, que eles, quisessem ou não, teriam de assimilar”. (BONNICI, 2000, p. 28).

Said postula que

O argumento, quando reduzido à sua forma mais simples, era claro, preciso, fácil de aprender. Há ocidentais e há orientais. Os primeiros dominam, os segundos devem ser dominados, o que costuma querer dizer que suas terras devem ser ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados, seu sangue e seu tesouro postos à disposição de uma ou outra potência ocidental. (SAID, 1996, p. 46)

Para nomear e simplificar essa afirmação, Said faz uso do termo *orientalismo*. Segundo ele, o orientalismo é o termo genérico que usa para descrever a abordagem ocidental do oriente. (Said, 1996, p. 82). Para ele, a hegemonia européia no Oriente – “onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias européias” – constitui-se como uma das “mais profundas e recorrentes imagens do Outro” (SAID, 1996, p. 13) que era reforçada pela consciência que “a Europa ou o Ocidente dominava a vasta maioria da superfície da terra.” (SAID, 1996, p. 51)

Em sua obra, Bonnici (2009) caracteriza a distinção entre o termo Outro / outro. Segundo ele, o Outro é “o sujeito hegemônico europeu” e o outro é “o sujeito marginalizado pela hegemonia européia; uma pessoa de raça ou etnia diferente, ou seja, não-branca e não-européia” (BONNICI, 2009, p. 260). Nesse contexto, o sujeito colonial surge de um “processo através do qual o império (Outro) cria sujeitos colonizados (outros)”, que são, simultaneamente, dominados e excluídos. (BONNICI, 2000, p. 134).

3. A representação feminina nas sociedades colonizadas – a mulher ocidental (esposa) e a mulher nativa (concubina), no conto *A força das circunstâncias*

A distinção entre Oriente e Ocidente, no que diz respeito à superioridade de um e a subalternidade do outro, suscita a questão da representação feminina nas sociedades colonizadas uma vez que essa representação, em relação ao homem europeu, era estabelecida através da superioridade de um (homem) e subalternidade do outro (mulher).

Ann Laura Stoler (1997) argumenta que os casamentos e os relacionamentos sexuais nas colônias de França, Inglaterra, Holanda, dentre outras, nunca foram deixados ao acaso. Enfatiza que desde o início do século XVII as sanções sexuais e proibições matrimoniais foram discutidas e codificadas. Cheryl Johnson-Odim e Margaret Strobel (1989) esclarecem que na fase inicial do período colonial o número de mulheres era pequeno, quase inexistente.

Stoler, por sua vez, explica que no início da colonização, a presença de mulheres ocidentais nas colônias era restringida por políticas coloniais. Segundo ela, a metrópole estabeleceu normas restringindo a imigração da mulher européia e de homens casados para as colônias. Essas restrições eram justificadas usando o fato de que a colônia não era apropriada e segura para as mulheres ocidentais. Além do mais, controlando a imigração das mulheres, as autoridades governamentais controlavam, também, a geografia social das colônias e estabeleciam as condições e privilégios sob as quais a população européia poderia ser reproduzida.

Nesse contexto, o homem europeu era incentivado a buscar nas mulheres nativas auxílio para adaptar-se a nova situação, que normalmente ocorria através de uma relação de concubinato. Assim, mesmo não sendo considerada companhia adequada, o homem europeu, por falta de opção, via-se obrigado a viver uma relação de concubinato com a mulher nativa, até que pudesse retornar a Europa e encontrar uma mulher que atendesse as exigências culturais e sociais da época. (CHLUDZINSKI, 2009, p. 59).

Segundo Stoler, o termo concubinato era usado para caracterizar a relação existente entre o homem europeu e a mulher nativa, na qual estava implícito o relacionamento sexual e a execução de tarefas domésticas. Segundo ela, diferentemente da prostituição, o concubinato era considerado benéfico uma vez que mantinha a ordem e a saúde na colônia. Além do mais, como esse relacionamento não era regulamentado por lei, o homem ficava isento das responsabilidades financeiras inerentes ao casamento.

Johnson-Odim e Strobel (1989) afirmam que freqüentemente as concubinas eram provenientes de famílias pobres, destacando que a relação de concubinato era um meio que essas mulheres tinham para melhorar sua situação econômica. Destacam, no entanto, que embora as mulheres nativas fossem as maiores vítimas do colonialismo, eram elas que tomavam a iniciativa de resistir quando percebiam situações que pudessem representar perigo para elas. Além do mais, costumavam usar as novas situações em seu próprio benefício. Spivak (apud BONNICI, 2000, p. 136) enfatiza que a ausência de voz dos povos oprimidos e marginalizados não significa que não possam organizar sua resistência ou que devam fazê-la numa voz ou linguagem dominante para que possam ser ouvidos.

Em *A força das circunstâncias* a nativa recebeu vantagens financeiras quando passou a viver com Guy e quando ele decidiu terminar o relacionamento existente entre eles. Assim,

é possível inferir que a ela tinha uma situação confortável quando morou com Guy e que queria manter essa situação. Assim, como a chegada da esposa dele significa que perderia a posição que ocupava e as regalias que tinha, passou fazer chantagem, ameaçando contar tudo a sua esposa, resistindo, assim, ao procedimento comum do colonizador em relação à mulher colonizada – manter um relacionamento sexual, gerar filhos e depois abandoná-los para casar-se com uma mulher européia. Maugham evidencia esse comportamento quando Guy explica a Doris as suas razões para omitir dela o relacionamento que manteve com a mulher nativa

— Por que é que não me falaste nisto? Não achas que seria justo dar-me uma oportunidade de julgar o caso por mim própria? **Devias-te ter lembrado do choque que seria para qualquer rapariga descobrir que o marido tinha vivido dez anos com outra mulher de quem tinha três filhos.**

— Eu não podia ficar à espera da tua compreensão. **As circunstâncias aqui são muito peculiares. Este é o procedimento normal. Em seis homens, cinco fazem isto. Pensei que isto te iria chocar e não queria perder-te.** (MAUGHAM, p. 11, minha ênfase)

No final do século XIX, houve uma mudança nesse cenário uma vez que as relações de concubinato passaram a ser consideradas como um perigo para identidade racial e cultural do império. O concubinato passou a ser visto como a origem da degeneração racial e o papel da mulher nativa, que antes era o de assegurar o bem estar do homem ocidental, foram suplantados pelas exigências da supremacia e respeitabilidade européia. (STOLER, 1997).

Bonnici (2005) afirma que “havia um grande receio de o europeu adotar costumes e modos” dos nativos. Segundo ele, isso é resultado “da crença de que a mistura com outras raças e o clima quente dos trópicos seduziriam o europeu à degradação moral e psicológica”. (BONNICI, 2005, p. 40). Além do mais, a miscigenação, união sexual entre raças diferentes, era considerada “como um fenômeno amedrontador, subversivo da estabilização do poder imperial e mantenedor da separação entre selvagem e civilizado” (BONNICI, 2005, p. 38).

Assim, fazia-se necessário um maior controle sobre o quadro que se apresentava, sendo que a presença da mulher ocidental nos domínios do império britânico, ou seja, as esposas dos colonizadores passaram a desempenhar um importante papel na defesa dos valores e da supremacia ocidental.

Beverley Hartrell (1984) postula que a presença das esposas nas colônias britânicas, além de contribuir para manter os padrões morais e culturais do império, propiciava ao colonizador um relacionamento legítimo que, teoricamente, inibia as chamadas transgressões

sexuais do colonizador com as nativas, que não eram vistas com bons olhos pela metrópole. (HARTRELL, 1984, p. 169). Fato corroborado na obra de Said, que explica que “o casamento entre nativos e ingleses era indesejável” (SAID, 1996, p. 219).

No conto em questão, Guy decide abandonar a nativa com que vivia, mesmo tendo três filhos com ela, em razão de ter decidido encontrar uma esposa ocidental.

— Ela soube que eu ia casar.

— Quando?

— Eu mandei-a de volta para a aldeia antes de partir. Disse-lhe que estava tudo acabado. Dei-lhe o que tinha prometido. Ela sempre soube que se tratava de uma relação temporária. Eu estava farto. **Disse-lhe que ia casar com uma branca.**

— Mas nessa altura ainda nem me conhecias.

— Não, eu sei. **Mas eu tinha decidido casar-me quando fosse a casa** — e riu à velha maneira. (MAUGHAM, p. 10-11, minha ênfase)

Essa decisão reflete a preocupação do colonizador europeu de proteger-se contra as perturbadoras influências do oriente (SAID, 1996, p. 174). Além do mais, em consonância com Said “residir no Oriente é viver a vida privilegiada não de um cidadão comum, mas de um representante europeu cujo império (francês ou britânico) contém o Oriente em seus braços militares, econômicos e, sobretudo, culturais.” (SAID, 1996, p. 165). Assim, as mulheres européias, na condição de esposas, mantinham a dignidade do representante do império na colônia.

Janice N. Brownfoot (1984) esclarece que a mulher ocidental levava aos territórios colonizados a civilização e que isso era altamente benéfico aos homens brancos que viviam nas colônias uma vez que mantinha o decoro e recriava os modelos sociais e culturais da metrópole. No conto, a descrição do local onde Guy vivia antes do casamento e a transformação do mesmo após a chegada de Doris evidencia a afirmação de Brownfoot.

E que divertido fora o arranjo da sala de estar! Era uma sala muito grande. No chão, quando ela chegou, havia esteiras sujas e esfarrapadas; pendurados nas paredes de madeira sem pintura, fotografuras de quadros da Academia, escudos *Diak* e parâos. As mesas estavam cobertas de toalhas *Diak* de cores escuras e sobre elas havia peças de latão a precisar muito de limpeza, latas de cigarros vazias e peças de prata malaias. Havia uma prateleira tosca de madeira com edições baratas de romances e um grande número de livros de viagens antigos com encadernação de couro; e uma outra prateleira cheia de garrafas vazias. Era a sala de um homem solteiro, desarrumada mas formal; achou-lhe graça mas também lhe pareceu intoleravelmente patética. [...]

Era habilidosa de mãos e depressa tornou a sala habitável. Arranjou isto e aquilo e o que não pôde usar deitou fora. Os presentes de casamento também ajudaram. A sala agora já estava confortável e acolhedora. Havia jarras de vidro com belas orquídeas

e grandes vasos com enormes arbustos em flor. Ela sentia um grande orgulho porque aquela era a sua casa (nunca na sua vida tinha vivido senão num acanhado apartamento) e tinha-a tornado encantadora para ele. (MAUGHAM, p. 5)

Ela explica, ainda, que a chegada das européias mudou o estilo de vida nas colônias, acentuando a necessidade de refinamento para atender a delicadeza feminina e manter os padrões da vida social da metrópole. Além disso, segundo ela, com a presença da esposa na colônia o homem passou a demonstrar um maior interesse pela aparência pessoal.

No conto, após a partida de Doris, faz-se menção ao modo de vestir-se de Guy “Agora não fazia muito sentido vestir-se; ficava muito bem como estava; vestiu um casaco indígena largo e um *sarong*. Era a isso que ele estava habituado antes de Doris chegar”. (MAUGHAM, p. 17). Evidencia-se, assim, que no período que Doris esteve na colônia ele era mais atento ao modo de vestir-se.

Stoler (1997) explica, ainda, que as mulheres européias que vieram para as colônias demonstraram racismo e preconceito em relação à mulher nativa, acrescentando que elas eram inseguras e tinham ciúmes dos relacionamentos extraconjugais dos maridos com as nativas. No texto de Maugham a reação de Doris ao descobrir que antes do casamento Guy convivia com uma mulher nativa com a qual tinha três filhos corrobora esse comportamento.

Isto é uma coisa física que não consigo evitar, é mais forte do que eu. **Quando penso naqueles braços escuros dela a abraçarem-te, fico fisicamente enjoada. Penso em ti com aqueles pretinhos ao colo. Oh, é horrível.** tocar-te é para mim uma coisa odiosa. Quando cada noite te beijava, tinha de fazer um esforço, tinha de cerrar os punhos e fazer força para tocar a tua cara — E agora fechava e abria as mãos numa agonia nervosa, e tinha a voz descontrolada. (MAUGHAM, p. 15, minha ênfase)

Além do mais, segundo Brownfoot (1984), a presença da esposa evitava que o homem recorresse à bebida para superar as adversidades da colônia bem como evitava que os mesmos, por viverem tantos anos longe de casa, assimilassem a cultura e os costumes do local de forma definitiva, o que poderia prejudicar a força e a hegemonia império britânico em seus domínios. O conto *A força das circunstâncias* retrata essa realidade quando Guy fala sobre suas noites solitárias

À noite sentia-me muito só, sentado na varanda a beber sozinho. [...]
— O que mais me custava eram as noites. Depois do jantar os criados saíam para ir dormir no *Kampong*. Eu ficava completamente só. Não se ouvia o mínimo som no bangaló, a não ser de vez em quando o grasnar do *chik-chak*, que de repente

quebrava o silêncio e me fazia saltar de susto. Do *Kampong* vinha o som de um gongue ou de bombinhas de brincar. Estavam a divertir-se e não estavam muito longe, mas eu tinha de ficar onde estava. Estava farto de ler. Se estivesse na cadeia não me poderia sentir mais prisioneiro. Era sempre a mesma coisa noite após noite. Tentava beber três ou quatro *whiskies*, mas beber sozinho não tem graça nenhuma e não me punha bem disposto, apenas me fazia sentir mal na manhã seguinte. Tentava ir para a cama logo depois do jantar, mas não conseguia dormir. Ficava deitado, cada vez com mais calor, cada vez mais acordado até não saber o que fazer. Que compridas eram aquelas noites, meu Deus. (MAUGHAM, p. 9)

Em suma, durante o período colonial a posição de inferioridade da mulher – ocidental e nativa, foi usada em favor dos interesses dos impérios colonizadores. Num primeiro momento, o homem era incentivado a buscar nas nativas o refúgio para sua solidão durante a empreitada colonialista. No entanto, quando os perigos da miscigenação passaram a representar uma ameaça para o império a mulher europeia, na condição de esposa, foi usada para afastar os maridos do convívio com as nativas.

Historicamente, a mulher é considerada inferior ao homem. No contexto colonial, entretanto, ela assume uma posição diferenciada uma vez que na ótica do sujeito colonizador ela mantém a relação de inferioridade ao homem europeu e de superioridade ao sujeito colonizado, homem ou mulher. A mulher nativa, por outro lado, mantém o papel de inferioridade tanto em relação ao homem europeu como em relação ao homem nativo.

Chandra Talpade Mohanty (1988) postula que há um entendimento universal em que o gênero feminino é um grupo que compartilha os mesmos interesses e desejos, independentemente de classe, etnia ou raça. Enfatiza que a opressão exercida sobre as mulheres é universal, destacando, contudo, que durante o período de colonização a opressão sobre a mulher foi diferenciada, uma vez que há a opressão da mulher (ocidental) e a opressão da mulher colonizada (nativa), em que a última arca, também, com as conseqüências da opressão exercida sobre o sujeito colonizado. Afirma, ainda, que nesse contexto predomina o racismo, colonialismo e imperialismo.

Em *A força das circunstâncias* Doris e a mulher nativa representam o mesmo gênero, o que determina a relação de subordinação delas ao homem. No entanto, em razão de uma ser a representante do colonizador e a outra a representante do povo colonizado, a relação de subordinação é diferenciada. Doris é subordinada ao patriarcado enquanto a nativa é subordinada ao patriarcado e a colonização, o que corrobora a posição de Bonnici (2000)

quando afirma “a mulher nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada” (BONNICI, 2000, p. 16).

4. Considerações finais

A complexidade do papel da mulher nasce de sua posição dentro do esquema imperial. Na perspectiva da ideologia dominante, a mulher é o sexo inferior dentro de uma raça superior. Assim, como participante do processo de expansão britânica ela se beneficia da subjugação econômica e política dos nativos, demonstrando atitudes de racismo, paternalismo e etnocentrismo. Além disso, o complexo papel desempenhado pela mulher ocidental nas sociedades colonizadas faz dela cúmplice e resistente à ideologia do homem imperialista. (STROBEL, 1991 citado em PRASCH, 1995).

No conto de Maugham, evidencia-se a cumplicidade e a resistência de Doris aos desígnios do marido – ela casa-se, muda-se para colônia e passa a administrar a casa, no entanto, quando descobre o passado do marido, não aceita morar e conviver com ele. A voz da mulher nativa, por outro lado, é inexistente, o que não impede, contudo, que faça uso de estratégias para resistir ao que lhe é imposto pelas circunstâncias.

Stoler (1997) destaca que as mulheres ocidentais, nas nações colonizadas, viveram as diferenças da superioridade racial e as distinções sociais internas diferentemente do homem particularmente por causa de sua posição ambígua como subordinada na hierarquia colonial e agente da cultura imperial. (STOLER, 1997, p. 344).

É possível concluir que as duas personagens femininas do conto de Maugham foram vítimas dos interesses vinculados ao processo colonial. No entanto, as circunstâncias que se apresentaram a ambas não foi aceita por nenhuma delas. A aparente passividade e obediência das duas mulheres em relação ao personagem masculino – Guy esconde o preconceito de Doris e a revolta da nativa, levando-as a tomarem atitudes para manter a integridade.

5. Referências

- ALADAYLAH, Majed Hamed. Centering the other: making the native visible. In: Revista de Divulgação científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 06, nº 12, 2010. p. 1-18. Disponível em: <www.letramagna.com> Acesso em: 15 set. 2010.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- _____. *Teoria e crítica pós-colonialistas*. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lucia Ozana (Organizadores). Teoria Literária – Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.
- _____. Conceitos-chave da teoria pós-colonial. In: *Coleção Fundamentum*, nº 12. Maringá: Eduem, 2005.
- BROWNFOOT, Janice N. Memsahibs in colonial Malaya: a study of European wives in a British colony and protectorate. In: *Hilary Callan e Shirley Ardener. The Incorporated wife*. Crom Helm Ltd., 1984.
- CHLUDZINSKI, Katrina. The fear of colonial miscegenation in the British colonies of Southeast Asia. In: *The Forum: Cal Poly's Journal of History*. v. 1, 2009, p. 54-64. Disponível em: <<http://digitalcommons.calpoly.edu/forum/vol1/iss1/8>> Acesso em: 15 set. 2010.
- DIXON, Ruth B. Explaining Cross-Cultural Variations in Age at Marriage and Proportions Never Marrying. In: *Population Studies*, vol. 25, nº 2, 1971, p. 215-233.
- GARTRELL, Beverley. Colonial wives: villains or victims? In: *Hilary Callan e Shirley Ardener. The Incorporated wife*. Crom Helm Ltd., 1984. Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acesso em: 15 de set. 2010.
- HOOPER, Glenn. Trading Places : Somerset Maugham's Tales From Abroad In: *Journal of the Short Story in English*. nº 29, 1997.
- JOHNSON-ODIM, C. e STROBEL, M. Conceptualizing the History of Women in Africa, Asia, Latin America and the Caribbean, and the Middle East. In: *Journal of Women's History*, v. 1, nº 1, 1989, p. 31-62.
- LAMBERT, Tim. *A brief history of Malaysia*. Disponível em: <<http://www.localhistories.org/malaysia.html>> Acesso: 10 set. 2010.
- MAUGHAM, William Somerset. *A força das circunstâncias*. Tradução de Luis Varela Pinto. Cópia xerox.
- MAUGHAM, William Somerset. *The Force of Circumstance*. Disponível em: <<http://literature4everyone.blogspot.com/2008/07/force-of-circumstance-w-somerset.html>> Acesso: 09 set. 2010.
- MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial In: *Feminist Review*, p. 61-88, 1988.
- NAH, Alice M. (Re)mapping indigenous 'race'/place in postcolonial peninsular Malaysia. In: *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*. Volume 88, Issue 3, 2006. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-0459.2006.00222.x/pdf>> Acesso: 10 set. 2010.
- ONYIAORAH, Kathrin. *British colonialism in William Somerset Maugham's short stories*. 2000. Disponível em: <<https://www.grin.com/login/#documents/103957/text>> Acesso: 10 set. 2010.

CHAVES, M.I. As ambíguas circunstâncias da representação feminina no conto *A força das circunstâncias* de William Somerset Maugham. Anais do 1º Simpósio de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Tuiuti do Paraná.

Eletras, vol. 20, n.20, dez.2010.

www.utp.br/eletras

PRASCH, Thomas J. Orientalism's Other, Other Orientalisms: Women in the Scheme of Empire. In: *Journal of Women's History*, v. 7, nº 4, 1995, p. 174-188.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Can the subaltern speak? In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995, p. 24-28.

STOLER, Ann Laura. Making empire respectable: the politics of race and sexual morality. in twentieth-century colonial cultures. In: *Cultural politics*. v. 11, 1997, p. 344-373.

STROBEL, M. *European Women and the Second British Empire*. Bloomington and Indianapolis. Indiana University Press, 1991.

ZACCHI, Vanderlei J. *Kim e a literatura colonial de língua inglesa*. In: *Revista Letras*. v. 28, nº 1/2, 2006.